

AS BEM-AVENTURANÇAS NO SEU CONTEXTO HISTÓRICO: O PERIGO DA INTERPRETAÇÃO ALEGÓRICA

THE BEATITUDES IN THEIR HISTORICAL CONTEXT: THE DANGER OF ALLEGORICAL INTERPRETATION

LAS BIENAVENTURANZAS EN SU CONTEXTO HISTÓRICO: EL PELIGRO DE LA INTERPRETACIÓN ALEGÓRICA

Renato Silva de Araújo¹
Cícero Manoel Bezerra²

Resumo

Este artigo mostra o problema da interpretação alegórica em relação ao ministério de Jesus de Nazaré, analisando para isso as Bem-aventuranças. Sermão transformador proferido por Ele para a parcela da sociedade judaica menos favorecida, como alento para aqueles que estão sendo massacrados e oprimidos pelo Império Romano, vigente à época. Entretanto, o objetivo deste estudo é apontar como o texto atualmente é interpretado de forma alegórica, fora do seu contexto histórico, cultural e linguístico. A metodologia foi do tipo bibliográfica qualitativa, valendo-se da interpretação histórico-crítica/histórico-gramatical. Os dados foram coletados nas plataformas acadêmicas especializadas em ciências da religião, em formato de artigos e teses. Ao analisar a atual interpretação bíblica, constatou-se que foram textos escritos para um determinado grupo à época, com objetivo específico de ensinar uma lição; se, por um lado, textos que foram escritos de forma literal para determinado contexto histórico e tenham sido interpretados de igual modo trazem sérios problemas para a sociedade contemporânea, por outro, textos cujo objetivo foi ensinar lições para um determinado público de sua época podem ser interpretados/aplicados da mesma forma na atualidade. Por fim, constatou-se que o cerne do ministério de Jesus é a utopia de sua mensagem do Reino de Deus. Uma sociedade sem injustiça, sofrimento ou qualquer forma de opressão, ao contrário da visão do Império Romano da época. Assim, é fundamental a importância da hermenêutica para a correta interpretação de um texto bíblico, observando sempre o seu contexto histórico, seus elementos linguísticos e literários. Isso também se aplica aos demais Textos Sagrados e suas tradições religiosas.

Palavras-chave: hermenêutica; bem-aventuranças; Jesus de Nazaré; Reino de Deus.

Abstract

This article addresses the problem of allegorical interpretation in relation to the ministry of Jesus of Nazareth, analyzing the Beatitudes for this purpose. This sermon was spoken by Jesus to the less favored part of Jewish society, as a comfort to those who were being massacred and oppressed by the Roman Empire, which was in power at the time. However, the objective of this study is to point out how the text is currently interpreted allegorically, outside of its historical, cultural, and linguistic context. The methodology was of a qualitative bibliographic nature, using historical-critical/historical-grammatical interpretation. The data were collected from academic platforms specialized in religious studies, in the form of articles and theses. By analyzing the current biblical interpretation, it is found that these were texts written for a specific group at the time, with the specific purpose of teaching a lesson. On the one hand, texts that were written literally for a specific historical context and have been interpreted in the same way pose serious problems for contemporary society. On the other hand, texts whose purpose was to teach lessons for a specific audience of their time can be interpreted/applied in the same way today. Finally, it was found that the core of Jesus' ministry is the utopia of his message of the Kingdom of God. A society without injustice, suffering, or any form of oppression, unlike the

¹ Licenciado em Ciências da Religião pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: renatomonitor.tecnologia@hotmail.com

² Professor do Centro Universitário Internacional UNINTER. E-mail: cicero.b@uninter.com

vision of the Roman Empire at the time. Thus, the importance of hermeneutics is essential for the correct interpretation of a biblical text, always observing its historical context, linguistic elements, and literary elements. This also applies to other Sacred Texts and their religious traditions.

Keywords: hermeneutics; beatitudes; Jesus of Nazareth; Kingdom of God.

Resumen

Este artículo muestra el problema de la interpretación alegórica con relación al ministerio de Jesús de Nazaret, analizando para eso las bienaventuranças. Sermón transformador proferido por Él para la parcela de la sociedad judaica menos favorecida, como aliento para aquellos que están siendo masacrados y oprimidos por el Imperio Romano, vigente en la época. Sin embargo, el objetivo de este estudio es apuntar cómo el texto actualmente es interpretado de forma alegórica, fuera de su contexto histórico, cultural y lingüístico. La metodología fue del tipo bibliográfica cualitativa, basándose em la interpretación histórico-crítica/histórica-gramatical. Los datos fueron recopilados en las plataformas académicas especializadas en ciencias de la religión, en formato de artículos y tesis. Al analizar la actual interpretación bíblica, se constata que han sido textos escritos para un determinado grupo em la época, con objetivo específico de enseñar una lección; sí, por una parte, textos que fueron escritos de forma literal para determinado contexto histórico y hayan sido interpretados de igual modo traen serios problemas a la sociedad contemporánea, por otra, textos cuyo objetivo fue enseñar lecciones para un determinado público de su época pueden ser interpretados/aplicados de la misma forma en la actualidad. Por fin, se comprobó que el eje del ministerio de Jesús es la utopía de su mensaje del Reino de Dios. Una sociedad sin injusticia, sufrimiento o cualquier forma de opresión, en contra de la visión del Imperio Romano de la época. Así, es fundamental la importancia de la hermenéutica para la correcta interpretación de un texto bíblico, observando siempre su contexto histórico, sus elementos lingüísticos y literarios. Eso también se aplica a los demás Textos Sagrados y sus tradiciones religiosas.

Palabras clave: hermenéutica; bienaventuranças; Jesús de Nazaret; Reino de Dios.

1 Introdução

Hoje a maioria das religiões cristãs, principalmente de vertentes pentecostais e neopentecostais, interpreta o texto de Mt 5:3, “Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus” (Bíblia, 1981, p. 1288), de forma alegórica, bem como as bem-aventuranças, atribuindo significados diferentes às palavras ditas que não os propostos pelo autor original, e não contextual e literal, atentando para o seu contexto histórico (Simões, 2017). Exemplo de interpretação alegórica:

A melhor forma de entender o que Jesus quis dizer com pobres de espírito é buscarmos o que seria o contrário disso. O contrário, considerando o contexto, seria “orgulhosos de espírito”, ou seja, pessoas que desprezam a Deus por não acharem que precisam de Dele, por não O reconhecerem como Senhor de suas vidas, por não O buscarem de fato e de coração. Esses tipos de pessoas não podem herdar o reino de Deus (Sanchez, 2017).

O autor da matéria afirma que a expressão “pobres de espírito” faz menção a quem não possui orgulho, algo que foge totalmente do contexto histórico a que o texto se refere, a Galileia do século 1º. Segundo Sousa (2012, p. 109), Jesus, ao pronunciar o texto de Mt 5:3 está se referindo

à multidão de desgraçados e miseráveis que o Império Romano oprime, ocasionando grandes injustiças sociais. “E, como eram as pessoas que ouviam e seguiam Jesus de Nazaré? Eram os pobres, materialmente falando, os aleijados, os doentes, os cegos, os estropiados, os esquecidos da justiça humana” (Guimarães, 2014, p. 39).

O problema da hermenêutica adotada pela maioria das tradições cristãs é que elas fazem a leitura das bem-aventuranças proferidas por Jesus de Nazaré registradas nos Evangelhos de Mateus e Lucas com base no critério da “Justificação pela Fé”, apresentada pelo Apóstolo Paulo no livro de Romanos, capítulo 3. Isso não contribui em nada para a interpretação contextual da época, visto que o ministério de Jesus é anterior ao apostolado de Paulo (Crossan, 1994, p. 306-307).

Hoje, essas tradições cristãs utilizam como base teológica pesquisas de autores como John Stott e tantos outros que possuem algo em comum ao fazer a leitura do Sermão do Monte, e em especial das bem-aventuranças de Mt 5, de forma alegórica.

Quem quisesse seguir a Jesus precisaria ser pobre de espírito. Segundo John Stott (2007), autor do Cristianismo básico, ser **pobre de espírito** significa **reconhecer diante de Deus a miserabilidade de seu pecado**. Implica também em ser desprezado, disposto a sofrer e a ser perseguido em nome dele (Nosella; Oliveira, 2008, p. 282, grifo nosso).

Para John Stott (2007) *apud* Nosella e Oliveira (2008, p. 282), na primeira bem-aventurança, os “pobres de espírito” se referem pessoas dependentes de Deus por reconhecer o seu estado de pecaminosidade. Ao contrário da lógica do texto de Romanos, quando Jesus diz “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, pois serão saciados”, essas tradições interpretam como se Jesus estivesse se referindo àquela multidão, que eles eram bem-aventurados pelo fato de terem fome e sede de justiça pela fé na obra do Cristo, conforme Jo 1: 29: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Bíblia, 1981, p. 1384). Ou seja, com as mesmas categorias citadas no livro de Romanos.

No entanto, uma interpretação assim faz ressonância apenas no campo da ontologia, não sendo fidedigna ao contexto histórico do texto e não colaborando com os métodos de hermenêutica que buscam analisar o conteúdo histórico do texto. Por meio de pesquisas que buscam analisar o contexto histórico de textos sagrados, é consenso entre os teóricos que, nas bem-aventuranças, em especial na primeira, os “pobres de/em espírito” de fato significa a dita escória da sociedade judaica (Sousa, 2012, p. 111), ou seja, aquelas pessoas consideradas ineptas, lançadas às margens da sociedade.

Os chamados métodos histórico-crítico (MHC) e histórico gramatical (MHG) são boas ferramentas hermenêuticas para expor o real sentido dos textos bíblicos, em relação ao seu contexto histórico. Quando bem aplicados, o MHC e MHG são ferramentas auxiliadoras na investigação de dados como autoria, datação, contexto histórico, gênero literário, dentre outros. A Pontifícia Comissão Bíblica, órgão máximo para assuntos doutrinários da Igreja Católica Apostólica Romana, recomenda ao leitor a utilização do método histórico-crítico.

O método histórico-crítico é o método indispensável para o estudo científico do sentido dos textos antigos. Como a Santa Escritura, enquanto «Palavra de Deus em linguagem humana», foi composta por autores humanos em todas as suas partes e todas as suas fontes, sua justa compreensão não só admite como legítimo, mas pede a utilização deste método. [...] O objetivo do método histórico-crítico é o de colocar em evidência, de maneira sobretudo diacrônica, o sentido expresso pelos autores e redatores. Com a ajuda de outros métodos e abordagens, ele abre ao leitor moderno o acesso ao significado do texto da Bíblia, tal como o temos (Pontifícia Comissão Bíblica, 1993).

A Comissão aconselha a utilização do método histórico-crítico aos cristãos na interpretação das Escrituras pelos seguintes motivos: crítica textual e da redação do texto. Segundo a Comissão, o método histórico-crítico usará outros métodos de abordagens e complementação como colaboração para a interpretação do texto bíblico. Lopes (2005) salienta que, ao longo dos anos, diversos estudiosos buscaram um método de Interpretação das Sagradas Escrituras que não comprometesse a sua autenticidade e o fato histórico.

Um método que partiu de convicções dogmáticas críticas quanto à natureza da Bíblia só poderia produzir resultados críticos e incerteza. [...] Maier propõe uma *hermenêutica bíblico-histórica*. Já Stuhlmacher acredita numa *hermenêutica teológica*. [...] Ou seja, trata-se de retirar o “crítico” — entendido como a arrogante pretensão de determinar pela análise racional aquilo que é verdadeiro — e manter o histórico — o estudo em contexto da revelação de Deus na história (Lopes, 2005, p. 136-137, grifo do autor).

Segundo o autor, ao passar dos anos, buscou-se um método de interpretação da Bíblia que não atribuisse críticas, comprometendo assim a sua autenticidade, e que, contudo, preservasse a sua veracidade e evidenciasse seu contexto histórico. Nesse percurso, surge então o método histórico-gramatical. É de suma importância interpretar as Escrituras tendo em conta a perspectiva teológica e seu plano de fundo histórico. No entanto, se por um lado é importante descobrir o fundo

teológico, também o é descobrir seu contexto histórico. A interpretação gramático-histórica não é um substitutivo da interpretação teológica, mas seu complemento.

Segundo Martínez (1984), o método histórico gramatical se baseia em dois pilares: entender o contexto histórico-cultural e fazer uma análise gramatical do texto original ou dos textos mais antigos que se tem conhecimento. Portanto, pela interpretação pelos métodos histórico-crítico/gramatical, ao analisar o texto das bem-aventuras a tradição cristã, conclui-se, para a contemporaneidade, as palavras de Jesus contidas no texto servem, de alguma forma, para impulsionar o fiel a lutar contra toda e qualquer forma de opressão e injustiça na sociedade que acomete aqueles mais desfavoráveis, assim como na época de Jesus de Nazaré. A hermenêutica adotada levará em conta o contexto histórico do texto (Boff, 2005).

Conforme Kaefer (2014), a hermenêutica correta da aplicabilidade das Sagradas Escrituras da tradição cristã, em análise crítica a possíveis discrepâncias em relação ao fato histórico, deve ser a utilização do método histórico-crítico. Em contrapartida, para Martínez (1984), trata-se da utilização do método histórico gramatical. De acordo com Gonçalves (2012), a utilização de tais métodos hermenêuticos levará o leitor à compreensão histórica do texto, evitando assim a prática do fundamentalismo religioso. Pereira (2019) salienta que, ao olharmos para o conteúdo bíblico, devemos primeiramente observar o seu contexto histórico para, a partir disso, fazer a aplicabilidade do conteúdo para os nossos dias, de forma que sua interpretação seja significativa para a sociedade.

2 O Ministério de Jesus de Nazaré

Jesus de Nazaré, do hebraico Yeshua, permanece até os dias de hoje impregnado no intelecto cultural, sociológico, econômico e político do mundo contemporâneo. Mesmo aqueles que negam sua divindade não podem negar sua pessoa, por seu lugar na história e na construção da civilização humana. “Poucos personagens históricos têm tanta repercussão, por tanto tempo, como Jesus de Nazaré” (Chevitarese; Funari, 2012, p. 7). Conforme a arqueologia, Jesus nasceu provavelmente entre os anos 7 e 4 AEC em Nazaré, local onde viveu sua infância e juventude. Aos trinta anos, ele começou o seu ministério por toda a região de Nazaré, Galileia e áreas adjacentes.

Conforme Pagola (2014), a sede administrativa do seu ministério ficava na cidade de Cafarnaum, uma pequena colônia de pescadores junto ao mar da Galileia. Concentrou seu ministério junto à classe social mais marginalizada da sua época, publicanos e prostitutas, contrariando assim as autoridades religiosas da comunidade judaica (Mt 21,28-32) e,

consequentemente, o Império Romano (Aslan, 2013). Durante os seus anos terrenos, de acordo com a Bíblia Sagrada, Jesus de Nazaré realizou várias curas, milagres e pregações (Mt 4:23; 9:35; Lc 20:1). Além disso, teve um papel transformador na sociedade, exercendo grande influência sobre a parte mais desfavorecida da sociedade judaica do século I, ao ponto de assumir suas angústias, dores e sofrimentos para, assim, trazer alívio, paz e esperança àquele povo.

O primeiro aparecimento público de Jesus na sinagoga de Nazaré tem um sentido programático: proclama a utopia do ano de graça do Senhor que se historiciza em libertações bem concretas para os oprimidos e cativos (Lc 4,16-21). A ênfase, no anúncio/programa, recai na infraestrutura material. O Messias é aquele que realiza a libertação dos infelizes concretos: são felizes os pobres, aqueles que sofrem, os que têm fome e são perseguidos, não porque sua condição encarne um valor, mas porque sua situação de injustiça representa um desafio à justiça do Rei messiânico. Deus, através de Jesus, tomou o partido deles. O Reino como libertação do pecado pertence ao eixo da pregação de Jesus e do testemunho dos apóstolos (Lc 24,47; At 2,38; 5,31; 13,38), mas não pode ser interpretado de forma reducionista, amputando a dimensão infraestrutura que Lucas sublinhou em Jesus: aquela social e histórica. O Jesus histórico assumiu o projeto dos oprimidos, que é de libertação, e também os conflitos que aí se acham implicados (Boff, 2012, p. 32).

Nos livros da Bíblia cristã, Mateus, Marcos e Lucas, está registrada toda a ação missional de Jesus de Nazaré (Aslan, 2013). Segundo esses escritos, Jesus caminhava por toda a Galileia anunciando as “boas novas” do evangelho do Reino de Deus, realizando milagres e curando doentes. O ministério de Jesus foi um marco na compreensão histórica da humanidade. Sua mensagem revolucionou a sociedade judaica opressora e excludente, apresentando uma nova proposta de vida.

O próprio Jesus não consiste em proclamar que o Reino há de vir, mas em que por sua presença e atuação o Reino já está perto (Mc 1,15) e no meio de nós! (Lc 17,21). O projeto fundamental de Jesus é, portanto, proclamar e ser instrumento da realização do sentimento absoluto do mundo: libertação de tudo o que estigmatiza: opressão, injustiça, dor, divisão, pecado, morte; e libertação para a vida, comunicação aberta do amor, a liberdade, a graça e a plenitude em Deus (Boff, 2012, p. 31).

Para Boff, as palavras de Jesus consistiam em anunciar um reino não para o futuro, mas para o aqui e agora, com o objetivo de libertar os oprimidos, injustiçados e excluídos da sociedade

e restaurá-los para viver a verdadeira plenitude em Deus. Atualmente, possuímos informes não apenas dos textos sagrados, mas também da arqueologia de cada lugar que Jesus percorreu (Crossan; Reed, 2007).

Segundo Coleman (2018), na região da Galileia do século I, futuramente Palestina em 135 EC, embora Jesus tenha convivido com pessoas humildes como seus seguidores, elas eram de diferentes origens, etnias e lugares. Há vestígios arqueológicos, por exemplo, de casas daquela região que não usavam telhas, fato esse que explica a passagem bíblica do evangelho de Marcos, capítulo 2, versículos de 1 a 12, que narra a história de um paralisado que passou por cima do telhado de uma casa, um teto de palha, que poderia ser removido facilmente.

De acordo com Fredriksen (1991), Jesus de Nazaré surge no meio do Império Romano proclamando uma mensagem de liberdade aos judeus (Jo 8,30-32). Mais do que isso, em um momento em que havia dezenas de messias, justamente salvadores, que se apresentavam como libertadores do povo judeu em oposição ao sistema romano.

3 Proposta de um reino de justiça e igualdade

Segundo Chevitarese e Funari, as linhas de pesquisas sobre a vida de Jesus de Nazaré se concentram em conhecer essa figura e efetivamente quais eram os seus propósitos. Para o autor, os estudiosos têm chegado a uma concordância de que, de fato, Jesus de Nazaré propôs um Reino de Deus, em oposição ao reino de Augusto César, Imperador do Império Romano, que estaria centrado em três perspectivas. Uma delas seria a centralização da paz em oposição à guerra disseminada pelo Império Romano. Nesse sentido, Horsley (2004) esclarece que o reino anunciado por Jesus tem como foco a libertação e a renovação do povo:

Isto é, o reino de Deus não é apenas o tema que abarca a declaração profética de Jesus sobre o julgamento contra os governantes romanos e os seus dependentes em Jerusalém, mas esse aspecto de julgamento do reino tinha uma contraparte construtiva de libertação, novas forças e renovação para o povo. No discurso político moderno, no aspecto de julgamento do Reino de Deus, Jesus proclamava que Deus estava no processo de efetuar a “revolução política” que transtornaria a ordem imperial romana na Palestina. Então, no aspecto construtivo, na confiança de que Deus estava cuidando da ordem política dominante, Jesus e o seu movimento estavam realizando a “revolução social” que Deus estava tornando possível e forte nas comunidades rurais da Galiléia (Horsley, 2004. p. 109).

O ministério de Jesus se concentra em trazer profeticamente a mensagem de libertação e restauração aos oprimidos da sociedade judaica. A segunda perspectiva é a centralização da comensalidade, pois a todo momento Jesus está em torno de uma mesa, partilhando comida e bebida. Essa comensalidade é um convite para que todos dentro desse reino de Deus tenham acesso à comida, até aqueles que estão religiosamente excluídos da sociedade (Chevitarese; Funari, 2012). Jesus, ao convidar Mateus, o cobrador de impostos, para segui-lo, está demonstrando para a população judaica que, no reino anunciado por ele, todos podem participar, inclusive os que são vistos como mau caráter perante a sociedade.

Por fim, a terceira perspectiva é a justiça. A justiça de Deus, a respeito do qual Jesus de Nazaré se vê inclusive como filho, sendo aplicada na terra em oposição à injustiça difundida pelo Império Romano da época. Segundo Horsley (2014), trata-se de concepção direcionada por meio de uma sistematização representativa que proporcionava esperanças escatológicas. Dessa forma, afrontava-se a estrutura organizacional de domínio social, mantida e sustentada por elementos de domínio social comandada por uma classe opressora. Jesus buscava denunciar as organizações que promoviam a injustiça social, que seriam excluídas e substituídas pelo Reino de Deus evidenciado pela justiça e igualdade.

Portanto, essa leitura acerca da dimensão histórica de Jesus o leva a um confronto direto com as autoridades romanas, pois, à medida que se dissemina e amplia-se a proposta de Reino de Jesus, tal contradição é levada ao Império Romano e a própria ideia de reino romano.

4 Formação da religião judaica

Segundo Fohrer (2006), conforme a mitologia judaica, sua tradição e os escritos da época relatam que Israel, antes da sua formação, era constituída por grupos divididos, denominados tribos. Cada tribo era constituída por um clã, cada clã por várias famílias e indivíduos de ordem cultural e/ou religiosa. Em cada tribo havia um chefe responsável por liderar toda a tribo. No livro de Gênesis, 29,30 e 35,16-22, estão registrados os nascimentos dos doze filhos do patriarca Jacó, correspondentes às doze tribos de Israel. O patriarca Abraão, por exemplo, seria o chefe de uma dessas tribos, o precursor do Judaísmo, religião que propagava a crença monoteísta de um “Deus” que tinha o povo de Israel como seus filhos. Segundo De Vaux (2003), ao longo da história judaica a divindade abraâmica, Javé prometeu aos seus “filhos” que enviaria um “Messias”, um libertador

à nação de Israel, para libertá-los principalmente do jugo da escravidão política e territorial (Dt 18,15-19; Is 49,1-7).

A figura emblemática de Jesus de Nazaré surge em meio à turbulência no período da história de dominação do Império Romano. Durante o governo do Imperador romano, César Augusto, que utilizava a religião romana para garantir a sua autoridade sobre o Império (Castoldi, 2014). Nesse contexto, qualquer Imperador de Roma tinha status de divindade perante a sociedade romana. O próprio Imperador Augusto se considerava uma divindade, um messias. Ao conferir “status de divindade” ao Imperador César Augusto, a elite romana faz com que César represente ao povo judeu a própria manifestação do messias.

Os cidadãos de Roma e das províncias há muito se haviam habituado a cultuar o poder divino do Estado sob a forma da grande deusa Roma, representada na arte com a semelhança de Atena, a grande deusa da civilização grega e da sociedade organizada. Ao lado de Roma vinha a misteriosa e vaga forma de Vesta, simbolizando a lareira da grande ‘casa romana’ e o fogo imortal dessa lareira. A essas representações divinas acrescentou-se mais um símbolo e fonte da grandeza de Roma, o *genius*, o Poder criador divino (*numen*) pertencente a Augusto, o chefe da grande família romana. Essa combinação estava perfeitamente em harmonia com as concepções religiosas do cidadão romano, fiel ao credo primitivo de sua raça, às crenças nos deuses do lar doméstico, no *genius* da casa, nos *genii* dos homens reunidos em sociedades religiosas e no *genius* da grande família vitoriosa do Estado romano (Rostovtzeff, 1961, p. 186-187 *apud* Castoldi, 2014, p. 13).

Quando Jesus de Nazaré inicia o seu ministério profético, o território da Galileia pertence ao Império Romano. Segundo a tradição dos judeus, a Galileia é a terra que emana leite e mel prometida por Yahweh à Canaã (Rops, 1963). Porém, toda a região era controlada por Roma e os judeus tinham que pagar encargos e impostos ao Império (Wegner, 2006). Para Boff (2012), os judeus simpatizantes e adeptos à mensagem de Jesus logo o consideraram o Messias prometido por Javé, aquele que iria libertá-los do jugo do Império Romano.

A sociedade judaica do primeiro século, sob o jugo do Império Romano, realmente necessitava de uma intervenção de justiça e igualdade para todos. Há anos a região da Galileia vinha sofrendo opressão pelos romanos. Antes mesmo da época de Jesus os soldados romanos invadiram a região, incendiando povoados, escravizando a população saudável e exterminando os ineptos (Overman, 1997). Ao começar o seu ministério messiânico anunciando o Reino de Deus ao povo da sociedade judaica, Jesus causa um desequilíbrio no Império Romano, pois ele fala de um

ser supremo, divino e um pai de todos, que não é César, não é Roma, mas, sim, Yahweh (Hobsbawm, 2015). Sendo assim, Jesus de Nazaré passa a confrontar o Império Romano, combatendo todas e quaisquer formas de opressão e injustiça cometidas por Roma (Hobsbawm, 2015).

5 Sermão da Montanha: as bem-aventuranças no seu contexto histórico e o perigo da interpretação alegórica

Jesus está anunciando o “Reino de Deus”, uma utopia apocalíptica (Theissen; Merz, 2002). Em outras palavras, o padrão ideal de justiça e igualdade para aqueles que sofrem a opressão escravizadora de Roma. Exemplo disso é o conhecido Sermão da Montanha, discurso das bem-aventuranças proferido por Jesus no Vale de Hula, no Rio Jordão (Mt 5:11-12; Lc 6:20-49). Segundo Boff (2012), a mensagem é destinada àqueles que mais sofriam com a injustiça da época, os pobres (Mt 5:1-12):

Vendo as multidões, Jesus subiu ao monte e se assentou. Seus discípulos aproximaram-se dele, e ele começou a ensiná-los, dizendo: **“Bem-aventurados os pobres em espírito, pois deles é o Reino dos céus. Bem-aventurados os que choram, pois serão consolados. Bem-aventurados os humildes, pois eles receberão a terra por herança. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, pois serão satisfeitos. Bem-aventurados os misericordiosos, pois obterão misericórdia. Bem-aventurados os puros de coração, pois verão a Deus. Bem-aventurados os pacificadores, pois serão chamados filhos de Deus. Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, pois deles é o Reino dos céus.** Bem-aventurados serão vocês quando, por minha causa os insultarem, perseguirem e levantarem todo tipo de calúnia contra vocês. Alegrem-se e regozijem-se, porque grande é a recompensa de vocês nos céus, pois da mesma forma perseguiram os profetas que viveram antes de vocês” (Bíblia, 1981, p. 1288, grifo nosso).

Conforme a reflexão de Theissen e Merz (2002), destacamos quatro bem-aventuranças dos Evangelhos Sinóticos (Mt 5,3-10; Lc 6,20) dirigidas aos pobres, famintos, desanimados e perseguidos. Quando Jesus diz: “Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus” (Mt 5,30; Lc 6,20 *apud* Bíblia, 1981, p. 1288, 1352), ele não está falando na perspectiva de virtude, que ser pobre ou pobre de espírito é uma virtude. Pelo contrário, eles são bem-aventurados porque herdarão o Reino de Deus, aqui e agora: “Pobreza, fome e sofrimento não são qualidades positivas. Antes, de acordo com o ideal de realeza difundido no Oriente antigo (cf. SI

72), Deus intervém a favor dos pobres e fracos, de modo que seu destino mude para melhor” (Theissen; Merz, 2002, p. 277).

Segundo Kivitz (2012), ao dizer: “Bem-aventurados os *aflitos*, porque serão consolados” (Bíblia, 1981, p. 1288, grifo do autor), Jesus não está falando na perspectiva de virtudes. Ninguém é bem-aventurado porque chora. Ao contrário, são bem-aventurados porque serão consolados, aqui e agora. Ao afirmar: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, pois serão saciados” (Bíblia, 1981, p. 1288), Jesus não está dizendo que fome e sede de justiça são virtudes — está afirmando que quem tem fome e sede clama por justiça e é bem-aventurado porque será assistido e saciado, aqui e agora.

Ao declarar “Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus” (Mt 5,10; Lc 6,22 *apud* Bíblia, 1981, p. 1288, 1352), Jesus, conforme Pereira (2019, p. 100), está provavelmente se referindo às futuras perseguições por parte do Império Romano após a sua morte. Para Boff (2012), ao proferir as palavras das bem-aventuranças Jesus está denunciando a opressão que o Império Romano está dirigindo ao povo. Ao declarar “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados”, Jesus está denunciando a perseguição imperial em massa à sociedade empobrecida judaica da época.

O povo grita por justiça e logo Jesus dará a resposta para esse grito. O contexto ao qual Jesus se refere nas bem-aventuranças é um cenário caótico. Roma esmagou o povo, roubou suas terras, pegou suas mulheres e filhas e estuprou-as, matou seus filhos e seus pais, levou os homens fortes de Israel e os transformou em escravos para atuar na Corte Romana. Eis por que Jesus profere as bem-aventuranças, porque a sociedade empobrecida está chorando e gritando por justiça por conta do cenário de caos estabelecido pelo Império. “Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus” (Bíblia, 1981, p. 1288). Eles são pacificadores porque enfrentam a violência dizendo porem com o derramamento de sangue, porem de fazer guerras, porem com toda essa matança.

“Bem-aventurados os *mansos*, porque *herdarão a terra*” (Bíblia, 1981, p. 1288, grifo do autor). Eles são mansos porque gritam, mas ninguém os ouve. Todavia, Jesus está afirmando aos seus ouvintes que eles são bem-aventurados, pois em meio a todo esse caos eles herdarão a terra, serão consolados, alcançarão a misericórdia e serão fartos de justiça, porque o Reino de Deus chegou (Horsley, 2004). Portanto, em análise da tradição cristã, a Igreja na atualidade não deve adotar uma hermenêutica em relação aos relatos dos Evangelhos Sinóticos, em especial ao Sermão

das Bem-aventuranças, em que confere ao texto simplesmente um sentido metafísico e espiritual que não seja o sentido histórico, literal e literalista do texto. O método histórico-crítico é uma ótima opção para isso, por ter por objetivo trazer à luz o conteúdo histórico da época inserido no texto (Pontifícia Comissão Bíblica, 1994).

Segundo Simões (2017), muitas linhas teológicas interpretam o Sermão da Montanha e as bem-aventuranças em sentido alegórico espiritual (método alegórico) e não no sentido literal, analisando, de fato, o plano de fundo histórico da época na qual o texto está inserido, a proclamação de Jesus de Nazaré de um reino que viria a libertar a sociedade judaica da sua época da opressão submetida pelo Império Romano (Aslan, 2013, p. 98). Esse reino utópico, porém, aqui e agora, obteve grande relevância para a sociedade mediterrânea da época, em especial a Galileia do século I.

Por meio do ministério público de Jesus, seus discípulos e seguidores foram motivados de tal maneira que começaram a propagar as suas “boas novas” por todo aquele território e posteriormente ao mundo (Hurlbut, 2007, p. 20-21), fazendo com que, ainda em meados do primeiro século EC, toda a oralidade em relação ao anúncio de Jesus sobre o Reino de Deus se transformasse em material textual.

6 A expansão dos ideais de Jesus de Nazaré e a formação do Novo Testamento

Segundo Brown (2004), os discípulos de Jesus ao longo do seu ministério público anunciando um reino de igualdade e justiça, o Reino de Deus, assimilaram a sua mensagem e a memorizaram em suas mentes. A mensagem emblemática do Reino de Deus anunciada por Jesus faz com que os seus adeptos após a sua morte e ressurreição a disseminem por toda a região da Galileia do século I e fora dela, fazendo novos convertidos, e em meados da metade do primeiro século, os discípulos começam o processo de compilação do que viria a se tornar mais tarde os Evangelhos.

Em vez de depender da lembrança pessoal dos acontecimentos, cada evangelista organizou o material que recebeu a fim de retratar Jesus de forma tal que pudesse ir ao encontro das necessidades espirituais da comunidade para a qual estava endereçando o evangelho. Dessa forma, os evangelhos foram organizados numa ordem lógica, não necessariamente numa ordem cronológica (Brown, 2004, p. 184).

O anúncio das boas novas de Jesus de Nazaré sai das fronteiras judaicas, onde predomina o idioma aramaico, para as fronteiras gentílicas, dominadas pela fala grega. A necessidade da elaboração textual da oralidade a respeito do ministério de Jesus é inevitável. A formação das primeiras comunidades cristãs trouxera a necessidade da elaboração do material que ficaria conhecido por Evangelho. Possuímos razões para cogitar que os primeiros cristãos eram aptos e estavam ansiosos para difundirem com precisão os resultados, as palavras e a missão de Jesus. Somente alguns protagonistas consagrados exerceram sobre a história da humanidade uma influência equivalente à de Jesus de Nazaré.

O texto das bem-aventuranças está registrado tanto em Mateus como em Lucas. De acordo com Lima (2010), é unânime a aceitação que Mateus tenha utilizado para copilar o seu Evangelho o livro de Marcos e um outro Evangelho desconhecido, chamado fonte Q. Nesse sentido, textos como as bem-aventuranças, que estão em Mateus e Lucas, porém, não estão em Marcos, e o que a pesquisa acadêmica propõe é que eles tenham sido escritos anteriormente, em Q. “Todo texto comum tanto a Mt quanto a Lc é provindo de Q. As diferenças são os acréscimos que os redatores lucanos e mateanos fizeram a partir do uso de Q conforme o interesse destes e suas respectivas comunidades” (Sousa, 2012, p. 57).

Nesse sentido, em Q a expressão “felizes”, tradução de *makarios* (bem-aventurados), significa justamente aqueles que estavam às margens da sociedade, que eram os mendigos. Os Evangelhos foram escritos em língua grega, porém as falas atribuídas a Jesus, são semíticas, ou seja, o aramaico. Portanto, em relação à oralidade, a palavra bem-aventurado, em grego *makarios*, não traduz bem aquilo que em hebraico, a melhor correspondência do aramaico, diz por bem-aventurado (Souza, 2012).

Em hebraico, a palavra bem-aventurado é *asher*, que significa basicamente: encorajamento. O que está em jogo não é uma declaração de um sentimento que a pessoa deve cultivar, se está triste ou feliz. Pelo contrário: mais que uma declaração de estado de espírito ou adjetivo, a palavra bem-aventurado, no hebraico *asher*, é praticamente uma interjeição: avante! Vamos! Adiante! Coragem! Portanto, as bem-aventuranças são convocações às pessoas, que pelas situações que enfrentam no dia a dia, têm todos os motivos para se sentirem desanimadas, desamparadas, desesperançadas etc. Jesus, ao pronunciar as Bem-aventuranças, está encorajando os seus ouvintes. Encorajando-os sobre o quê? Sobre a opressão por parte do Império Romano aos *ptochos*, os pobres materialmente falando, desprovidos da justiça humana (Sousa, 2012).

Agora, através de um material sólido, as comunidades podem ter maior conhecimento a respeito do Reino de Deus anunciado por Jesus de Nazaré, o Cristo. Material textual que viria a auxiliar as comunidades cristãs gentílicas na compreensão a respeito do Reino de Deus anunciado por Jesus nos séculos seguintes e até hoje. A mensagem do Reino de Deus, caracterizadora do ministério público de Jesus, é algo emblemático e evidenciado nos Evangelhos Sinóticos. Segundo Selvatici (2006), a teologia afirma que os Evangelhos canônicos foram escritos nos 70 anos seguintes à morte de Jesus, início da época subapostólica, e, de acordo com Chevitarese e Funari (2012), seus autores tinham diferentes níveis de instrução e procedências.

A composição do Evangelho de Marcos ocorreu nos anos 70 EC. O autor de Marcos se baseia nos relatos de Pedro, o apóstolo mais próximo de Jesus. O Evangelho de Mateus foi escrito na década de 80 EC. O autor do Evangelho de Lucas foi o mais culto dos escritores, seu relato reflete cristãos sírios, gregos e a visão dos gentios, tendo sido escrito na década de 90 EC. O ministério de Jesus foi caracterizado pelo cuidado para com os pobres, a parcela da sociedade judaica menos favorecida, entretanto, integrantes do Reino de Deus (Lima, 2010). A metodologia missional de Jesus de Nazaré se concentra em três esferas: social, econômica e política (Kivitz, 2012).

- Esfera social: As multidões perguntam o que devem fazer em decorrência da pregação ouvida. João, o Batista, responde: “Quem tiver duas túnicas, reparta-as com aquele que não tem, e quem tiver o que comer, faça o mesmo” (Lc 3:11). João não direciona a mudança para a lei judaica, para o templo, o rito ou o culto. Todavia, João Batista, conforme a ordem de Jesus em Mt 14:15-16 e 25:35, direciona a mudança para a pessoa necessitada.
- Esfera econômica: Alguns publicanos querem saber o que devem fazer em consequência do seu batismo. A resposta de João vem curta e certa: “Não deveis exigir nada além do que vos foi prescrito” (Lc 3:13). João os incita a deixarem a exploração e a ganância, assim como Jesus enfatizará a Zaqueu, aconselhando-o a dividir suas riquezas com os pobres (Lc 19:1-10).
- Esfera política: Soldados se aproximam de João e querem saber o que devem fazer. Eles constituem o braço visível da força imperialista no país. Além de garantir o trabalho dos publicanos, são os responsáveis pela estabilidade e pela ordem. Cabe a eles reprimirem qualquer levante popular contra a ordem estabelecida. São conhecidos e temidos pelo uso da força, por roubos à mão armada e por extorsão com base em falsas acusações. Em resumo, a presença dos militares mostra que a potência estrangeira e seus aliados nacionais não conseguem subjugar o povo com a

força das ideias, por isso precisam assessorar-se com a força das armas. A eles João diz: “A ninguém molesteis com extorsões; não denunciéis falsamente e contentai-vos com o vosso soldo” (Lc 3:14). Assim como Jesus se negou a receber o poder político e a força das armas e não permitiu que seus seguidores as usassem em sua tarefa missionária, ele reivindica um poder total sobre as pessoas, mas não segundo o modelo do poder político vigente (Lc 22,25) (Kivitz, 2012).

7 Interpretação das bem-aventuranças nos dias de hoje

Segundo Reimer Richter (2018), o Sermão das Bem-aventuranças é uma analogia do ministério e mensagem do profeta Isaías, do Antigo Testamento. Conforme Hayford (2002), na época do profeta Isaías a classe rica e poderosa da nação de Israel, principalmente a religiosa, oprimia e explorava os pobres, que por sua vez viviam na linha da miséria: “Ai dos que juntam casa a casa, dos que acrescentam campo a campo até que não haja mais espaço disponível, até serem eles os únicos moradores da terra” (Is 5:8).

O ministério de Isaías se concentrou em denunciar a injustiça social da sua época. Nesse aspecto, Reimer Richter (2018) argumenta que, tal como nos tempos de Isaías, assim procedeu o ministério de Jesus de Nazaré, caracterizado pelo combate à injustiça decorrente de sua época. Para a autora, as bem-aventuranças ditas por Jesus são palavras que expressam a realidade da Palestina do século I.

Quem almeja e precisa da ‘fartura da justiça’ são aquelas pessoas que sofrem injustiça e também aquelas que sofrem por causa da injustiça sofrida por aquelas pessoas. Trata-se de vítimas de práticas e sistemas que desestabilizam a vida... e também de pessoas sensibilizadas e solidárias com as vítimas: os dois grupos querem e precisam fartar-se com experiências e realidades da justiça que corra como um rio! A justiça é antídoto poderoso contra realidades e práticas que geram e alimentam a falta de comida, de água, portanto, geradoras de injustiça (Reimer Richter, 2018, p. 147).

Conforme a autora, Jesus, ao proferir “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça” (Mt 5:6), está denunciando a injustiça atual da Palestina contra aquelas pessoas, assim como foi nos tempos antigos do profeta Isaías. Nessa perspectiva, em conformidade com a autora, propomos a releitura das bem-aventuranças na forma de encorajamento, uma leitura que incentive o leitor/intérprete a lutar contra todo e qualquer tipo de crueldade presente em nossa sociedade atualmente, entre elas a ganância e a corrupção de sistemas políticos e religiosos que deterioram a

vida e a dignidade humana (Reimer Richter, 2018). Portanto, tanto as vítimas que sofrem a injustiça quanto aqueles que são conclamados a exercer a justiça a favor dos injustiçados são “bem-aventurados”, os injustiçados porque receberão a justiça, e aqueles que exercerão a justiça porque compreenderão o verdadeiro sentido do Reino de Deus.

8 Considerações finais

Com base no que foi exposto, podemos concluir que os evangelistas não mediram esforços para evidenciar os atos de Jesus de Nazaré em favor de uma comunidade totalmente desfavorável e empobrecida no âmbito social, econômico e político na região do Mediterrâneo do segundo século EC, cerca do ano 135 EC, conhecida por Palestina.

O Sermão das Bem-aventuranças, contido tanto em Mateus 5:1-12 quanto em Lucas 6:20-49, retrata a abordagem central do ministério e vida do personagem histórico Jesus de Nazaré, contendo em especial o anúncio de um reino de justiça e igualdade para a parcela empobrecida da sociedade judaica.

No decorrer deste artigo, compreendemos que o cerne do ministério de Jesus é a utopia de sua mensagem do Reino de Deus, na possibilidade de seus seguidores desfrutarem de um lugar, aqui e agora, em que não haveria injustiça, sofrimento ou qualquer forma de opressão, ao contrário da visão do Império Romano da época. Vimos a importância da hermenêutica para a correta interpretação de um texto bíblico, observando sempre o seu contexto histórico, seus elementos linguísticos e literários. Após a morte de Jesus de Nazaré, os seus discípulos disseminaram seus ensinamentos por toda Galileia e demais regiões do Império Romano.

Vimos que no Evangelho “Q”, registros sobre Jesus que estão em Mateus/Lucas e que não estão em Marcos, a expressão “Bem-aventurado” corresponde à palavra hebraica *asher*, “avante!”, portanto, um encorajamento por parte de Jesus de Nazaré para aqueles que estavam às margens da sociedade por questões socioeconômicas, e que a partir do ano 70 EC começou a compilação dos Evangelhos Sinóticos.

Durante a pesquisa, pudemos compreender corretamente o significado do Sermão das Bem-aventuranças, utilizando para isso os métodos de interpretação histórico-crítico/histórico gramatical, os quais levam o leitor/intérprete a entender que o discurso das Bem-aventuranças proferido por Jesus de Nazaré destinou-se para aquele público originário, não na forma de virtudes, mas como alento/encorajamento para esses que estavam sendo massacrados e oprimidos pelo

Império Romano. Assim, hoje a Igreja e as tradições religiosas não devem interpretar as Bem-aventuranças de forma alegórica, atribuindo novos significados às palavras ditas por Jesus e negligenciando o contexto histórico do texto.

A interpretação das bem-aventuranças atualmente deve-se configurar no encorajamento ao leitor/intérprete a lutar contra todo e qualquer tipo de crueldade presente em nossa sociedade, tal como nos dias de Jesus de Nazaré. Em concordância com Reimer Richter (2018), os ditos “bem-aventurados” são todos aqueles que se comprometem com o Reino de Deus e sua justiça. A resposta coerente de Mt 5:5: “Bem-aventurados os que choram, pois serão consolados”, deve ser o que está registrado em Rm 12:15: “Alegrai-vos com os que se alegram, chorai com os que choram”. Na perspectiva do Reino de Deus, “chorai com os que choram” é exatamente exercer a justiça a favor do injustiçado. É por isso que os que choram são “bem-aventurados”.

Referências

ASLAN, Reza. **Zelota: a vida e a época de Jesus de Nazaré**. Trad. Marlene Suano. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BÍBLIA de Jerusalém. Organização de Gilberto da Silva Gorgulho, Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Trad. de Samuel Martins Barbosa *et al.* São Paulo: Edições Paulinas, 1981.

BOFF, Leonardo. O cuidado Essencial: princípio de um novo *ethos*. **Inclusão Social**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 28-35, out./mar. 2005. Disponível em: <http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1503/1689>. Acesso em: 20 jul. 2021.

BOFF, Leonardo. **Jesus Cristo Libertador**. ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo. Petrópolis: Vozes, 2012.

BROWN, Raymond. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2004.

CASTOLDI, Ticiano Saulo Scavazza. **A Igreja que conquistou um Império: história da ascensão do Cristianismo no Império Romano**. 2014. Monografia (Licenciatura em História) — Centro Universitário UNIVATES, Lajeado, 2014. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/51328521.pdf>. Acesso em: 27 out. 2023.

CHEVITARESE, André; FUNARI, Pedro. **Jesus histórico, uma brevíssima introdução**. Rio de Janeiro: Kline, 2012.

COLEMAN, W. L. **Manual dos Tempos e Costumes Bíblicos**. Curitiba: Betânia, 2018.

CROSSAN, John Dominic. **O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo**. Trad. André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

CROSSAN, John. Dominic; REED, Jonathan L. **Em busca de Jesus: de baixo das pedras, atrás dos textos.** Trad. Jaci Maraschin. São Paulo: Paulinas, 2007.

DE VAUX, R. **Instituições de Israel no Antigo Testamento.** Trad. Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida, 2003.

FOHRER, Georg. **História da Religião de Israel.** Trad. José Xavier. São Paulo: Academia Cristã/Paulus, 2006.

Look at Galatians 1 and 2. **Journal of Theological Studies**, v. 42, n. 2, p. 532-64, 1991.
FREDRIKSEN, P. Judaism, the Circumcision of the Gentiles, and Apocalyptic Hope: Another

GONÇALVES, Marcos. Integrismo católico e fundamentalismo protestante comparados: historicidade, aproximações e distanciamentos. **RELEGENS THRÉSKEIA**, v. 1, n. 2, p. 79-103, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/rt.v1i2.31086>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/relegens/article/view/31086/19973>. Acesso em: 27 out. 2023.

GUIMARÃES, N. I. R. **O sermão da montanha na visão do filósofo cristão Huberto Rohden.** 2014. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) — Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2014. Disponível em: <https://tede2.pucgoias.edu.br/bitstream/tede/769/1/NEVE%20IONE%20RIBEIRO%20GUIMARAES.pdf>. Acesso em: 27 out. 2023.

HAYFORD, Jack W. **Bíblia de Estudo Plenitude.** Barueri: Editora SBB, 2002.

HOBSBAWM, E. **Bandidos.** Trad. Donaldson Garschagen. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

HORSLEY, A. Richard. **Jesus e o Império: o Reino de Deus e a nova desordem mundial.** Trad. Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2004.

HURLBUT, J. L. **História da Igreja cristã.** Trad. João Batista. 2. ed. São Paulo: Vida, 2007.

KAEFER, José Ademar. Hermenêutica bíblica: refazendo caminhos. **Estudos de Religião**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 115-134, jan./jun. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.15603/2176-1078/er.v28n1p115-134>. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6342623.pdf>. Acesso em: 27 out. 2023.

KIVITZ, Ed René. **Talmidim: O passo a passo de Jesus.** São Paulo: Mundo Cristão, 2012.

LIMA, Anderson de Oliveira. Os justos e os profetas: designações para os judeu-cristãos no evangelho de Mateus. **Encontros Teológicos**, Florianópolis, ano 25, n. 1, p. 79-92, 2010. DOI: <https://doi.org/10.46525/ret.v25i1.283>. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/283/271>. Acesso em: 27 out. 2023.

LOPES, Augustus Nicodemus. O dilema do método histórico-crítico na interpretação bíblica. **Fides Reformata**, v. 10, n. 1, p. 115-138, 2005. Disponível em: [https://cpaj.mackenzie.br/fileadmin/user_upload/6-O-dilema-do-m%C3%A9todo-](https://cpaj.mackenzie.br/fileadmin/user_upload/6-O-dilema-do-m%C3%A9todo)

hist%C3%B3rico-cr%C3%ADtico-na-interpreta%C3%A7%C3%A3o-b%C3%ADblica-Augustus-Nicodemus-Lopes.pdf. Acesso em: 27 out. 2023.

MARTÍNEZ, José M. **Hermenéutica Bíblica**. Terrassa, Barcelona: CLIE, 1984.

NOSELLA, Maria Lúcia Bertachini; OLIVEIRA, Anderson dos Santos de. Cristianismo: século primeiro. **Revista Cesumar - Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**, Maringá, v. 13, n. 2, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/revcesumar/article/view/818/632>. Acesso em: 27 out. 2023.

OVERMAN, Andrew J. **O Evangelho de Mateus e o judaísmo formativo: o mundo social da comunidade de Mateus**. Trad. Cecília Camargo Bartolotti. São Paulo: Loyola, 1997.

PAGOLA, José Antônio. **Jesus: Aproximação histórica**. Petrópolis: Vozes, 2014.

PEREIRA, Sandro. **Literatura e Hermenêutica do Novo Testamento**. Curitiba: Intersaberes, 2019.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **A Interpretação da Bíblia na Igreja**. Roma, 15 abr. 1993. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/pcb_documents/rc_con_cfaith_doc_19930415_interpretazione_po.html. Acesso em: 8 abr. 2021.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **A Interpretação da Bíblia na Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1994.

REIMER RICHTER, Ivoni. As bem-aventuranças como antídoto contra a dominação e corrupção. **Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana**, v. 78, p. 135-153, 2018. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Ribla/article/view/8848/6297>. Acesso em: 27 out. 2023.

ROPS, Daniel. **A vida quotidiana na Palestina no tempo de Jesus**. Trad. Padre José da Costa Saraiva. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1963.

SANCHEZ, André. Bem-aventurados os pobres de espírito: O que Jesus quis dizer com isso? **Esboçando Ideias**, ago. 2017. Disponível em: <https://www.esbocandoideias.com/2017/08/pobres-de-espirito.html>. Acesso em: 3 jul. 2021.

SELVATICI, Monica. **Os Judeus Helenistas e a Primeira Expansão Cristã: Questões de Narrativa, Visibilidade Histórica e Etnicidade no livro dos Atos dos Apóstolos**. 2006. Tese (Doutorado em História) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/ENSINORELIGIOSO/teses/judeus_helenistas.pdf. Acesso em: 27 out. 2023.

SIMÕES, C. A. **Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos**. Curitiba: Intersaberes, 2017.

SOUSA, F. F. de. **Mendigos e ricos nas palavras de Jesus segundo Lucas: uma análise de Lucas**. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) — Pontifícia Universidade

Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/1881/1/Fernando%20Figueiredo%20de%20Sousa.pdf>. Acesso em: 27 out. 2023.

THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. **O Jesus histórico**: Um manual. Trad. Milton Camargo Mota e Paulo Nogueira. São Paulo: Loyola. 2002.

WEGNER, U. Jesus, a dívida externa e os tributos romanos. *In*: RICHTER REIMER, I. (org.). **Economia no Mundo Bíblico**: Enfoques sociais, históricos e teológicos. São Leopoldo-RS: CEBI/Sinodal, 2006, p. 111-134.